

# HUMANA

---

## GEOGRAFIA HUMANA

RITA DE CÁSSIA RIBEIRO



contexto  
educação

### Resumo

---

*Este artigo trata do livro Geografia da vida humana, do educador e geógrafo japonês Tsunessaburo Makiguchi (1871-1944). Suas idéias configuram um olhar complexo sobre as relações do homem com o mundo. Permite pensar a necessidade de uma reforma do pensamento que religue o sujeito ao mundo como condição fenomenológica para construir um conhecimento pacificador. A tese de Makiguchi é de que a Geografia, parte de sua pedagogia de criação de valores humanos, é uma disciplina que deve transitar por toda a formação do sujeito.*

**Palavras-chaves:** Geografia. Complexidade. Epistemologia.

## ON A GEOGRAPHY OF HUMAN LIFE

---

**Abstract:** *The article reflects on the book Geography of Human life by Tsunessaburo Makiguchi (1871-1944), educator and geographer. His ideas configure a complex view on the human relations with the environment. It allow us to think about a reform of thought capable to connect the subject to the world – as a phenomenological condition to build a pacifying knowledge. Makiguchi’s thesis says that the Geography, part of his value-creating pedagogy, is a subject matter that has to transit for all education of subject of knowledge.*

**Keywords:** *Geography. Complexity. Epistemology.*

A partir de *Geografia da vida humana* (1903), livro do geógrafo e educador japonês Tsunessaburo Makiguchi (1871-1944), é possível refletir sobre três princípios cognitivos, propostos por Edgar Morin, que conduzem a uma compreensão complexa da Geografia. O primeiro princípio diz respeito a um conhecimento pertencente operando no sujeito um movimento de enraizamento e desenraizamento. O segundo toma o conhecimento como um holograma: as partes que o constituem estão no todo e o todo está inscrito em suas partes. E o terceiro princípio revela que o conhecimento é auto-eco-dependente, pois depende da interação do sujeito com o meio de onde se alimenta de energia, de matéria e de informações. Na obra do referido autor os três princípios estão implícitos e encontram-se incorporados no espaço da experiência humana sobre a Terra: a comunidade local.

Tal perspectiva traduz-se numa ecologia das idéias que ao assumir as incertezas próprias do desenvolvimento da vida e do homem se compromete com uma ética para civilizar a humanidade: ao transformar a sociedade; ao reformar o espírito tendo como ponto de partida a educação; ao reformar a própria forma de viver a vida, reencantando-a por meio de comportamentos que superem a separação entre corpo e espírito, sujeito e objeto, mente e matéria; e ao regenerar os princípios éticos que norteiam escolhas cujos resultados dizem respeito a todos, dado o emaranhado das relações complexas que o homem estabelece com o seu meio. Traduzindo-se num modo de pensar e viver, essa ecologia das idéias pode se transformar em movimentos de mudança como *uma verdadeira força moral, social e política* para o homem habitar o mundo (Morin, 2005, p. 168-178).

As idéias de Makiguchi aqui enunciadas emergem de fragmentos de sua vida e de seus livros *Geografia da vida humana* (G.V.H), *Educação para uma Vida Criativa* (E.V.C) e *Philosophy of Value* (P.V.). A vida do autor está referida nas informações contidas em *Japão: passado e presente*, de José Yamashiro; à biografia do autor publicada pela revista *Terceira Civilização*; ao livro do antropólogo Dayle Bethel, *Makiguchi: The Value Creator*, aos artigos de Kazunori Kumagai, “Value-Creating Pedagogy and Japanese Education in the Modern Era” e do geógrafo Keiichi Takeuchi, “Geography and Buddhism in Makiguchi’s Thought”.

# FRAGMENTOS DA VIDA DE TSUNESSABURO MAKIGUCHI

Tsunessaburo Makiguchi nasceu no Japão em 6 de junho de 1871 numa pequena vila de pescadores chamada Arahama, prefeitura de Niigata. Nesse mesmo ano o Império Meiji estabeleceu o sistema de administração local envolvendo a abolição dos clãs e a constituição das prefeituras.

Abandonado pelos pais, foi adotado pelo tio, que lhe deu o sobrenome Makiguchi. Aos 13 anos mudou-se para uma cidade chamada Otaru, em Hokkaido, região ao Norte do país. Lá, trabalhou numa delegacia de Polícia, quando contou com o apoio financeiro dos colegas para continuar os estudos. Em 1889 mudou-se com o delegado e sua família para Sapporo, ingressando na escola normal da cidade, na qual se formou e começou a sua carreira no magistério.

No ano seguinte passou no exame público para o ensino de Geografia em escolas secundárias e começou a lecionar na própria escola onde havia se formado. Foi demitido ao opor-se aos treinamentos militares nas atividades acadêmicas dos futuros professores.

Após a demissão, em 1901, mudou-se para Tóquio. Na capital do país procurou Shigetaga Shiga, jornalista famoso que fazia conferências sobre Geografia na Tóquio Semmon Gakko, hoje Universidade de Waseda. Makiguchi pediu a Shiga que revisasse o manuscrito do seu livro *Geografia da vida humana*, que seria publicado dois anos mais tarde, em 1903, às vésperas da guerra entre Rússia e Japão.

O livro teve uma excelente aceitação da parte dos professores, que precisavam se capacitar para o ensino de Geografia e se ressentiam de títulos sobre o assunto. Para se ter idéia do caráter inédito do livro, o Departamento de Geografia da Universidade de Tóquio seria formado apenas em 1907, quatro anos após a publicação do livro. O sucesso, porém, não se deveu tão-somente à falta de livros de Geografia. Além disso, havia um aspecto relevante na obra de Makiguchi, mesmo para aqueles que haviam tido a oportunidade de estudar nas universidades européias uma disciplina que naquela época se constituía em um novo campo de saber. Era uma perspectiva original no ensino de Geografia. O livro abordava o meio em relação à condição humana de criar valores, no sentido de alterar tudo ao redor, mostrando, assim, a inseparabilidade da relação entre o espaço físico e o homem que o habita.

Como principal professor da Escola Primária Fujimi, estreitou relações com Kunio Yanagita, fundador do grupo de estudos de comunidades tradicionais do Japão (Kyodo-kai), cujas reuniões aconteciam regularmente na casa de Inazo Nitobe, respeitado pensador social japonês, um dos pioneiros da Sociologia no Japão. Em 1911, apresentado por Yanagita ao Ministério da Agricultura e Comércio, Makiguchi começou suas pesquisas de campo sobre tradição japonesa na localidade de Kyushu, que resultou no livro *Considerações sobre o estudo local como foco de integração da educação escolar*, publicado em 1912.

Durante quase duas décadas o educador dedicou-se a trabalhar como professor e diretor de escolas primárias, e também a estudar Filosofia, Economia, Biologia, Sociologia e Antropologia. O estudo da Filosofia ocidental e das ciências era numa atividade autodidata, propiciando-lhe a liberdade de transitar por vários assuntos, emprestar às vezes noções e conceitos de um campo de saber ao outro. Sem os limites disciplinares que a academia poderia ter imposto, Makiguchi pôde concatenar idéias aparentemente díspares, gerando problemas complexos que se avolumaram em rascunhos, rabiscos, pequenos ensaios e, principalmente, em torno da questão do valor para a vida humana resultando, em pensamentos obsessivos que lhe causaram a perda dos dentes (P.V., p. 2).

Em 1928 Makiguchi converteu-se ao budismo na tentativa de responder questões existenciais provocadas pela morte de três filhos. Os princípios budistas promoveram uma reorganização de seu repertório intelectual. Makiguchi entrou em contato com a *Tese para a pacificação da terra através do ensino correto*, do monge japonês que viveu no século XIII, Nichiren Daishonin, que interpretou as calamidades naturais e humanas como extensão da vida espiritual. A um ambiente degradado física e moralmente corresponde uma vida espiritual também degradada. Essa visão, na qual a presença humana em ligação com o meio resulta na alteração da natureza, está impregnada por um princípio chamado *Esho funi* (inseparabilidade da pessoa e seu ambiente). A partir dessa leitura Makiguchi constatou que havia entrado em contato com uma Filosofia capaz de dar consistência aos rascunhos e anotações sobre sua teoria da criação do valor, alinhando idéias presentes em *Geografia da vida humana* e os resultados das pesquisas antropológicas para compor o livro *Educação para uma vida criativa*, publicado em 1930. Nesta obra Makiguchi concebe um sistema teórico integrado, abolindo a sepa-

ração entre sujeito e objeto do conhecimento, cuja base integradora encontra-se na comunidade, o lócus onde o homem pode viver a aventura de um conhecimento encarnado, idéia cara ao educador já presente no livro *Geografia da vida humana*.

Em 1930, perseguido pelo governo japonês devido as suas fortes convicções em relação a defesa de uma educação sem privilégios e antimilitarista, foi afastado de suas atividades de professor. Impossibilitado de se dedicar à formação escolar, fundou a organização Soka Kyoiku Gakkai (Sociedade Educacional de Criação de Valores), mais tarde denominada apenas Soka Gakkai, cujo principal objetivo é a formação do ser humano tendo como fonte primária de conhecimento as comunidades como condição fundamental para a pacificação do planeta.

Makiguchi foi preso durante a Segunda Guerra Mundial por não adotar o talismã xintoísta imposto pelo governo japonês para mobilizar o povo para os esforços de guerra. Morreu de desnutrição na prisão, aos 73 anos de idade.

## UMA GEOGRAFIA COMPLEXA

O manuscrito original de *Geografia da Vida Humana (Jinsei Chirigaku)* tinha duas mil páginas. Shigetaka Shiga assessorou-o quanto aos conceitos e informações que constam no livro, haja vista que Makiguchi não tinha formação acadêmica em Geografia. A versão final em japonês, depois da revisão, contou com mil páginas. A edição aqui mencionada foi traduzida do japonês para o inglês por Dayle Bethel, publicada em São Francisco pela Caddo Gap Press, em 2002.

O livro não é um manual ou uma descrição geográfica tão-só e simplesmente, como se poderia pensar. Ele não possuía formação acadêmica em Geografia ou feito qualquer outro curso superior. O que ele tinha era uma visão integrada do mundo e dos homens. Acreditava que a Geografia deveria ser um ponto unificador do currículo escolar para todo o Ensino Fundamental. Como o título sugere, o livro aborda com refinada erudição as relações complexas que o homem estabelece com a natureza mediante a habilidade de produzir valores, no sentido específico de atribuir significado e sentido às coisas, alterando tudo ao seu redor. Cada aspecto geográfico é visto

de uma perspectiva complexa, consolidando um entendimento da unidade natural/cultural do homem, que não é nem uma nem outra isoladamente, mas podemos dizer uma novidade, que é própria e exclusivamente humana. Trata-se de uma nova abordagem para o estudo do homem em relação ao meio considerando “*a dinâmica natural da Terra e leva em conta os seres humanos e sua rica variedade cultural*” (G. H. L., p. 15). As conexões que possibilitam a vida humana sobre a Terra emergem do sujeito a partir da experiência vivida:

Admitindo essa complexidade, ainda podemos procurar entender nossa relação com o planeta e trazê-la mais claramente para nossa atenta consciência. Seguindo métodos racionais de investigação científica, eu proponho que comecemos com observações de fatos de mútua existência (G.V. H., p. 11).

Makiguchi vê a inter-relação dos homens com o mundo com uma clareza desconcertante. Um produto qualquer, como a própria roupa que vestia, revelava a variedade de proveniências das matérias-primas que envolviam muitos países e culturas. Essa inter-relação da produção dos homens no mundo não valida, entretanto, segundo ele, uma visão cosmopolita exclusiva negligenciando o meio imediato e a comunidade. O sentimento de enraizamento humano como seres culturais está na comunidade (G.H.L., p. 14), mas isso também não significa um apoio ao “chauvinismo”, a uma visão nacionalista.

A importância da comunidade vai além da Nação e possibilita romper suas fronteiras para compreender as relações de interdependência cultural, muito mais importante para o conhecimento do que a defesa do território físico, impondo barreiras cognitivas. A experiência do mundo vivido encontra-se na comunidade local, nas relações quentes de vizinhança e de vida-a-vida. O senso de enraizamento nasce na comunidade, na qual se aprende a viver por meio das relações mais elementares de sociabilidade, que pode ampliar-se e estender-se ao mundo inteiro:

Na tentativa de classificar todos esses problemas fora de minha própria mente, cheguei à convicção de que o ponto natural para entender o mundo em que vivemos e nosso relacionamento com ele é essa comunidade de pessoas, terra e cultura a qual deu-nos o nascimento; essa nossa comunidade deu-nos, na verdade, a vida real e nos iniciou no caminho para nos tornarmos as pessoas

que somos. Em outras palavras, devemos começar da comunidade que nos tem dado nosso senso de enraizamento como humanos e seres culturais (G.H.L., p. 14).

Nessa perspectiva é preciso considerar a experiência local como um valor para a vida humana. *Tornar-se a pessoa que se é*, segundo Makiguchi, é constituir-se como humano no lugar de seu enraizamento, tal qual as plantas retiram os seus nutrientes da terra para crescer. A comunidade é o lugar em que a vida acontece, em que os compromissos são estabelecidos cotidianamente, os acordos e os códigos construídos entre pessoas que convivem no mundo.

Makiguchi oferece argumentações não só convincentes como comovedoras sobre a condição humana na Terra. A relação do homem com o conhecimento é inicialmente sensível, de primeira mão. É no local onde se vive que se vê a paisagem, o céu, os rios e lagos, as montanhas e montes; que se respira o aroma das flores; que se sente a chuva tocar o corpo e o sol arder na pele. É possível ouvir o canto dos pássaros. Também há de se resolver a falta d'água, a escassez de alimento, construir uma ponte para atravessar o rio. Igualmente é preciso conviver, acordar, recrudescer, contemporizar com questões que surgem entre pessoas que convivem diariamente na comunidade. Tudo isso forma o *background* com o qual o homem lê, compreende o mundo e aprende a viver.

Nessa composição makiguchiana da vida, os mitos e lendas também são construídos a partir das ligações do homem com o meio. Segundo Makiguchi, em um vasto número de contos, poesias e religiões, como o xintoísmo, o Sol tem um significado muito importante. Deuses e deusas, como Rá no Antigo Egito e a deusa do Sol no Japão têm uma relação íntima com a estrela e seu poder de iluminar. Tal poder revela que a luz não é apenas necessária à Terra e à vida em geral, mas também ilumina os recônditos da alma humana e todos os fenômenos observáveis, daí a expressão Iluminismo no Ocidente, onde a luz e a razão são parceiras de um conhecimento libertador. Essas analogias permitem ir além do imediato benefício que o calor do sol oferece à sobrevivência humana e do planeta.

Makiguchi ainda ressalta as influências do meio às predisposições de caráter biológico. Um clima quente altera a pressão sanguínea, provocando reações diferentes daquelas que podem ocorrer em lugares frios. Além disso, as espécies se adaptam às condições climáticas do lugar onde vivem.

Para estabelecer mais um nível complexo, o educador introduz na sua argumentação o sentimento religioso que também se nutre do meio. A grandiosidade e profundidade do oceano, por exemplo, inspira piedade e reverência. Para demonstrar esse efeito Makiguchi recorre ao poema de um monge Zen do período Edo (1603-1867), que se utilizou do mar e suas mudanças como metáfora para a vida:

Aonde vai aquele navio?/ De cujas vidas são agitadas pelo mar, conduzidas pelo vento?/ Quatro pranchas fazem o barco;/ Os pregos irão segurar?/ Um mastro, para os marinheiros, alguém em coração e mente./ Seis velas, chame-as visão e toque, gosto e aroma,/ Som e um indefinível sentido./ Veleja direto antes do vento, mas como o barco /O hábil timoneiro curva-se com cuidado sobre as ondas./ E se oscilar, ele não conhece o destino?/ Tem medo do oceano aberto?/ Atacado pelas ondas, vigia as escotilhas./ Sela todos os portais!/ Um atraso de um instante e tudo será perdido/ Com fé na providência e presença da mente,/ Tudo chegará seguramente ao porto (G.H.L., p. 106).

O poema citado por Makiguchi é emblemático para o pensamento complexo. A vida é conhecimento. Sendo assim, como se conduzir diante das vicissitudes da vida, posto que elas parecem levar os homens à deriva pelos ventos e mares agitados? O vasto mar se abre para as incertezas. É necessário, então, um bom fundamento como as pranchas seguras por pregos fortes. Também é preciso utilizar todas as capacidades humanas para entrar nas vagas imponderáveis da vida, como os mastros em alto-mar. As velas são os cinco sentidos para perceber a mudança no ambiente, por mais imperceptível que possa ser. O hábil timoneiro, o homem, deve interagir perfeitamente com o barco numa fusão quase perfeita com a natureza, o mar e o vento, curvando-se a sua grandeza. Importante notar que se é bem ou mal-sucedido a depender da maior ou menor interação com o mundo, com a fé e com a razão. O poema traduz a perspectiva do método como viagem e transfiguração que se faz e desfaz a cada passo da caminhada, sugerido por Morin em suas obras (2003, p. 21-23).

Makiguchi adota essa visão, mais propriamente uma atitude epistemológica, revisitando física e intelectualmente os antigos vilarejos do Japão de sua própria infância, nos quais pôde verificar uma integração simbiótica entre o homem e o meio, e expressar suas

inquietações sobre a necessidade de vinculação do homem ao local em que vive, apontando a importância da vida comunitária na formação do sujeito.

Em *Geografia da vida humana* está implícita a defesa de um conhecimento pertinente, de uma formação contextualizada à realidade local onde se está vinculado. Essa estratégia cognitiva permite ir além dos aspectos naturais à medida que o desenvolvimento humano trazido também pela cultura altera o mundo, permitindo perceber as conseqüências dessa interação. Makiguchi também levou em conta a conexão cada vez maior entre as pessoas e o mundo, possibilitada pelo desenvolvimento da ciência e das tecnologias de comunicação, como o telégrafo e o telefone, favorecendo a formação de uma comunidade planetária.

É importante notar que ao se posicionar o sujeito do conhecimento na comunidade é possível vislumbrar a dimensão local dentro de uma ordem universal e cósmica e inscrever o universal no local de forma hologramática, um dos princípios para a formação de um pensamento complexo: *Deixe-me acentuar minha posição básica, outra vez; todo aspecto do universo inteiro pode ser encontrado na pequena e limitada área de nossa comunidade* (G.H.L., p. 86).

A Geografia makiguchiana é o fundamento, ou o pano de fundo de uma reforma paradigmática visando à valorização das relações entre o homem e o local onde vive. Do lugar mesmo em que se encontra o homem pode ter uma compreensão mais abrangente do planeta operando sempre o enraizamento (a natureza, as relações afetivas, a comunidade de pertencimento, o conhecimento de primeira mão) e o desenraizamento (o conhecimento universal, os livros, a Filosofia, a comunidade planetária):

Enquanto eu não nego a importância e o lugar dos livros e outras espécies de material de aprendizagem de segunda mão, eu afirmo que as crianças podem atingir o pleno potencial de sua humanidade apenas através da direta, ativa e pessoal comunicação com os fenômenos naturais. Esse é um princípio básico o qual nós nunca devemos perder de vista em nosso planejamento educacional. Essa é a chave para capacitar cada criança a descobrir e nutrir o grandioso potencial interior (G.H.L. p. 23).

Para conhecer não é preciso ir longe. Os lugares mais distantes do universo estão no interior dos homens. E ao encontrá-los também encontram seu imenso potencial. Desse ponto de vista atinge-se o sujeito e seu lugar no mundo. Por extensão a esta afirmação

pode-se dizer à maneira do pensamento complexo que a sociedade e a espécie estão inscritas no indivíduo. É da perspectiva do sujeito que o cosmo se abre como fenômeno apreensível pela realidade do próprio sujeito no mundo. Uma visão hologramática por excelência:

Todo aspecto do mundo inteiro e o próprio cosmo podem ser achados no pequeno mundo da criança, onde quer que ela possa estar. Os capítulos seguintes (do livro) estão desenhados para prover um largo panorama ou ponto de vista das várias formas de fenômenos que podem ser observados nesse microcosmo (G.H.L., p. 23).

As idéias contidas no livro *Geografia da Vida Humana* procuram delinear as relações complexas do mundo que Makiguchi via totalmente interligado. Isto explica seu engajamento imediato ao budismo, em 1928, depois de 25 anos da publicação de seu primeiro livro. Um dos princípios que dão sustentação à Filosofia é a crença de que todos e tudo estão ligados numa dimensão cósmica. O local espelha o universal; o homem, o seu ambiente; o átomo, o cosmo, e vice-versa.

O princípio de inseparabilidade de pessoa e ambiente, *Esho funi*, reforça o papel da comunidade, o lugar onde é possível construir uma ética de criação de valores humanos positivos. Daí, o pressuposto em seu sistema pedagógico de criação de valores, que ele desenvolverá duas décadas mais tarde, da fusão natureza-homem-sociedade-mundo-cosmo. Trata-se de um reforma não só paradigmática, ela deve ser forçosamente pragmática, segundo ele, para atingir a formação do sujeito.

Essa impregnação do homem pelo meio, e vive-versa, resulta em afirmações importantes. Uma delas é que o significado da experiência humana é criar valor. E todo valor implica estabelecer relações com o que se vê, sente, percebe, intui e pensa. A natureza é a matéria-prima do conhecimento, que é limitada pelo universo das possibilidades de percepção tanto física quanto psicológica do homem. Da fusão de natureza e homem resulta a cultura, a religião, a ciência e a arte, também fluindo do mundo sensível.

Ainda há um outro aspecto importante na obra de Makiguchi: a idéia de que tudo e todos comungam uma unidade cósmica aponta para uma condição cognitiva que enlaça sujeito e objeto. O que permite afirmar que a separação dos pares dessa relação é arbitrária. E é também arbitrária a separação entre Geografia Física e Humana,

uma vez que a vida e o homem, e o que resulta dessa ligação, mostram que há uma relação de complementaridade dinâmica e contraditória. A inteligibilidade total dessa implicação, embora impossível, deve ser considerada para se compreender o inacabamento do próprio conhecimento humano. Por isso Makiguchi corajosamente, no tempo da recém-criada disciplina, a Geografia, declara: *Eu proponho uma nova abordagem para o estudo da Geografia que reconheça a dinâmica natural da Terra e leve em conta os seres humanos e sua rica variedade cultural* (G.H.L., p. 15). A mensagem implícita de *Geografia da vida humana* é de que toda Geografia não é apenas forçosamente uma ciência humana, é complexa.

## LIVROS DE TSUNESSBURO MAKIGUCHI

E.V.C. – *Educação para uma Vida Criativa*. Traduzido por Eliane Carpenter. Rio de Janeiro: Record, 1995.

G.H.L. – *A Geography of Human Life*. (Traduzido por Dayle Bethel do Japonês). San Francisco: Caddo Gap Press, 2002.

P.V. – *Philosophy of Value*. Tokyo: Seikyo Press, 1964.

## OUTRAS REFERÊNCIAS

BETHEL, Dayle M. *The Value Creator: Revolutionary Japanese Educator and Founder of Soka Gakkai*. New York: Weather hill, 1973.

KUMAGAI, Kazunori. Value-Creating Pedagogy and Japanese Education In: Ideas and Influence of Tsunessaburo Makiguchi. *The Journal of Oriental Studies*, Tokyo, vol. 10, 2000, Special Issue, p. 29-45.

MORIN, Edgar. *O método 6*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. *Educar na era planetária: pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana*. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

TAKEUCHI, Keiji. Geography and Buddhism in Makiguchi's Thought In: *WSP, Kielce Studies in Geography*, n. 3, p. 3-12, 1999.

\_\_\_\_\_. *Terceira Civilização, Tsunessaburo Makiguchi*. 16 de Setembro de 1994.

YAMASHIRO, José. *Japão: passado e presente*. São Paulo: Hucitec, 1978.